

O fascismo como redução transcendental do humano e a sua superação pelo amor, em Michel Henry¹

Fascism as a transcendental reduction of the human and its overcoming through love, in Michel Henry

Américo Pereira²

Resumo: Partindo da definição de fascismo, presente na obra *Du communisme au capitalisme. Théorie d'une catastrophe*, de Michel Henry, como “rebaixamento³ do indivíduo, de tal modo que, não sendo este coisa alguma ou sendo algo de insignificante ou de mau, a sua supressão se manifesta doravante como legítima”, pretendemos mostrar a *dimensão onto-antropológica transcendental inerente ao fascismo*, presente na negação da única realidade que é a do indivíduo humano, em sua própria, ela mesma única, realidade, a vida, a sua vida. Ao mesmo tempo, queremos mostrar como a vida, única verdadeira e real dinâmica ontológica, está presente como mais forte realidade no acto de amor, único capaz de vencer a dinâmica da morte.

Palavras-chave: Fascismo. Amor. Acto. Indivíduo.

Abstract: Starting from the definition of fascism, present in the work *Du communisme au capitalisme. Théorie d'une catastrophe*, by Michel Henry, as “relegation of the individual, in such a way that, not being anything or being something insignificant or bad, its suppression is henceforth manifested as legitimate”, we intend to show the onto-anthropological -transcendental dimension inherent in fascism, present in the denial of the only reality which is that of the human individual, in his own, in itself unique, reality, life, his life. At the same time, we want to show how life, the only true and real ontological dynamic, is present as the strongest reality in the act of love, the only one capable of overcoming the dynamics of death.

Key-words: Fascism. Love. Act. Individual.

¹ Recebido em 21 de outubro de 2022. Aceito em 22 de novembro de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Filosofia e professor da Universidade Católica Portuguesa.

³ Escolhemos o termo português “rebaixamento” porque encerra em si quer a noção técnica de “baixar”, reiterada e reforçada pelo uso do prefixo “re”, de “pôr num nível mais baixo”, quer a noção, moral e política, já perversa, de “degradação”, de humilhação, precisamente porque o acto de baixar não é algo de simplesmente técnico, mas, para além do ambiente puramente técnico, algo de eticamente querido como forma política de inferiorização da condição política de alguém, inferiorização que tem a sua base num nível ontológico de pensamento: o que se diminui com tal juízo é o mesmo ser daquiloa que assim se julga. Versões como “rebaixar”, “rebaixamento”, “diminuir”, “diminuição”, “humilhar”, “humilhação” e “envilecer”, “envilecimento”, “apoucar”, “apoucamento”, “degradar”, “degradação”, também são aceitáveis, pois também remetem para um âmbito necessariamente ontológico. De notar, ainda, e significativamente, que o termo “deprimir” e o termo “depressão” também podem ser usados, o que faz todo o sentido, num mundo contemporâneo, deprimido, e deprimido porque nele predominam, mais ou menos bem disfarçadas, estas tendências fascistas – que são a própria essência do fascismo – de diminuição e redução da ontologia própria do ser humano.



Na obra *Du communisme au capitalisme. Théorie d'une catastrophe*⁴, a definição de fascismo, remetendo o seu acto para o âmbito de uma onto-antropologia, prévia a uma ética e a uma política, capta a essência deste movimento, deste acto, pois fá-la radicar no campo da ontologia do humano, lugar de operação para a redução realizada pelo tal acto. E é por se situar neste âmbito ontológico⁵ que o acto fascista é tão importante, dado que a sua operação e relevância dizem respeito não a camadas superficiais do ser humano, mas ao seu mesmo ser: não é como coisa ou acto social que o fascismo importa, mas como algo que implica imediatamente, em seu acto, o próprio ser do seu objecto.

Pela sua mesma lógica ontológica, o acto fascista, antes de ser ético ou político, é um acto ontológico, pois a sua finalidade – o seu motor primeiro, sem o qual não existiria – é objectivo, ontologicamente objectivo, interessando o ser de algo. Este algo, no caso do acto fascista, é propriamente sempre um ser humano, se bem que analogicamente se possa estender a toda a realidade. Os casos do nazismo ou do soviétismo são exemplos claros dessa extensão imperial tentativamente universalizante, re-“cosmicizante”, de forma degradante de todo um conjunto de entidades pertencentes a âmbitos ontológicos que transcendem a simples realidade humana, enquanto tal, e que constituem a cultura: arte, história, religião, etc. Mas também outros lugares ontológicos são afectados pelo juízo fascista: o ambiente, a natureza em geral, a própria transcendência trans-natural.

O juízo que menospreza a ontologia própria do ser humano eleito para ser rebaixado estende-se ao seu produto: a cultura criada por tal ser humano é, como ele, menor, infra-humana. Todo o produto do seu labor é minorizado: o seu labor e os seus frutos valem intrinsecamente menos do que outros, esses, sim, realizados por seres humanos verdadeiramente humanos porque assim julgados por quem detém o poder de julgar uns e outros, determinando uns como humanos e os outros como infra-humanos.

É este juízo que está na base do modo antiquíssimo de classificação dos seres humanos como pertencentes a níveis de humanidade diferenciados, em que uns são mais humanos do que outros

⁴ HENRY, Michel, *Du communisme au capitalisme. Théorie d'une catastrophe*. Lausanne: Éditions L'Âge d'Homme, 2008 (Mobiles Philosophiques), p. 87: « abaissement de l'individu, de telle façon que, celui, n'étant rien, ou quelque chose d'insignifiant, ou de mauvais, sa suppression apparaisse désormais comme légitime » (trad. nossa).

⁵ Assim, isso a que o fascismo diz respeito não é ao corpo da pessoa ou ao seu estatuto social ou ao seu estatuto de cidadania ou a algo de semelhantemente separado, abstracto e superficial, mas ao seu ser como um todo. O fascismo é a desvalorização ontológica da pessoa humana como acto político.

e alguns nem humanos chegam a ser. Tal juízo encontra-se, por exemplo, na base do estabelecimento da escravatura, da classificação social comum com base em valoração humana, mesmo nas meritocracias, na base das teorias racistas, na base de todo o etnocentrismo (aliás, todo ele agora passível de ser lido como forma essencial e substancialmente fascista)⁶. É este juízo fascista que está na base de todo o programa hitleriano, podendo fazer-se uma leitura integral do *Mein Kampf* a partir desta chave hermenêutica encontrada em M. Henry.

Mas o próprio M. Henry explicita exemplarmente a aplicação do princípio fascista quando, a propósito do racismo, afirma:

Consideremos uma outra forma de fascismo, aquela que se classifica sob o título genérico de “racismo”. Em que consiste este, senão na pretensão de definir o indivíduo por meio de um certo número de caracteres objectivos? Trata-se, neste caso, de caracteres étnicos, por meio dos quais se pode finalmente entender todos os que qualificam o homem empírico da antropologia: caracteres biológicos, psicológicos, sociológicos, culturais, no sentido mais lato. A partir destes caracteres, haverá um esforço no sentido de descrever um certo tipo étnico, sob o qual se classificará tal ou tal etnia particular e, segundo o modelo enviesado desta, cada um dos indivíduos que lhe pertencem. [...] *Há racismo, a partir do momento em que se dá um carácter natural e mais geralmente objectivo como constituinte da realidade de um indivíduo – ao passo que esta realidade é puramente metafísica: ela consiste na experiência singular que a vida tem de si própria e na qual se inscreve sempre este. Si irredutivelmente singular que é o indivíduo vivo. Nesta experiência, não se encontra qualquer das propriedades de que fala a etnologia ou o racismo ou o marxismo, porque nela nada há de objectivo, nada de objectivo podendo, por pouco que seja, de um modo ou de outro, “defini-la” ou “constituí-la”.*⁷

Retomando a definição, “rebaixamento do indivíduo, de tal modo que, não sendo este coisa alguma ou sendo algo de insignificante ou de mau, a sua supressão se manifesta doravante como

⁶ Deste modo, o fascismo não é uma recente novidade contemporânea, italiana, mussolineana, por exemplo, mas percorre toda a realidade humana em todas as formas culturais de tipo etnocêntrico, em que se reclama a verdadeira humanidade para o centro ajuizador e a não-humanidade ou uma humanidade inferior ou reduzida (o que é uma forma de real não-humanidade) para todos os outros. Será muito difícil encontrar uma qualquer cultura ou civilização que não tenha praticado esta forma transcendental de fascismo. Mas hodiernamente este retoma formas que se pensavam mortas e enterradas com a suposta vitória sobre o nazismo, por exemplo, nas formas de degradação ontológica dos doentes, nas imensas variedades possíveis e reais da doença. O mesmo se diga de todas as formas de inadaptação às modas sociais e políticas impostas por maiorias ou minorias que se consagram precisamente como ditadoras dos novos critérios do que é a verdadeira humanidade. O nosso tempo é um tempo de fascismos vários, alguns muito bem disfarçados ao nível da aparência superficial da acção política.

⁷ HENRY Michel, *ibidem*, pp. 103-104 : « Considérons une autre forme de fascisme, celle qu'on range sous le titre générique de «racisme». En quoi consiste ce dernier sinon dans la prétention de définir l'individu par un certain nombre de caractères objectifs ? Il s'agit en l'occurrence de caractères ethniques par lesquels on peut entendre finalement tous ceux qui qualifient l'homme empirique de l'anthropologie : caractères biologiques, psychologiques, sociologiques, culturels au sens le plus large. A partir de ces caractères on s'efforcera de décrire un certain type ethnique sous lequel on rangera telle ou telle ethnie particulière et, par le biais de celle-ci, chacun des individus lui appartenant. [...] *Il y a racisme dès qu'on donne un caractère naturel et plus généralement objectif pour constitutif de la réalité d'un individu – alors que cette réalité est purement métaphysique : elle consiste dans l'épreuve singulière que la vie fait de soi et en laquelle s'inscrit chaque fois ce Soi irréductiblement singulier qu'est l'individu vivant. Dans cette épreuve on ne trouve aucune des propriétés dont parle l'ethnologie, ou le racisme, ou le marxisme, parce qu'on ne trouve en elle rien d'objectif et que rien d'objectif ne peut, si peut que se soit, ni d'une manière quelconque, la «définir» ou la «constituer».* » [itálico do Autor].

legítima”, podemos perceber, sem margem para dúvida, que *o fascismo é, pois, sempre, uma forma de ligação essencial com a morte*, não em seu sentido metafísico de cumprimento da própria vida e como seu fim absolutamente significativo, a partir de uma finitude inerente, mas como simples ameaça de realização ou mesmo realização efectiva de um acto de anulação, de redução de algo a nada, de um ser humano a nada, ultimamente, do universo a nada ou a uma mera função do interesse do senhor do acto fascista. *O fascismo é, assim, uma categoria onto-antropológica transcendental* e, como categoria onto-antropológica transcendental, visa sempre, ultimamente, a anulação da humanidade, mediatamente, a sua redução e submissão, relativamente a uma outra forma de vida, também ela humana, *mas parasitária*.

Assim sendo, e por definição, o acto fascista, assim que é posto, imediatamente lança uma dinâmica de guerra.

A solução resolutiva que pode contrariar esta tentativa de imposição de um transcendental que tem como finalidade anular a humanidade reside numa ação, inspirada sobre princípios fundamentais de defesa da vida, no sentido irredutivelmente individual, substantivamente individual, que pode promover esta mesma vida individual, única forma possível de garantir a própria possibilidade da pessoa humana como algo de ontologicamente irredutível, irredutibilidade ontológica que é a única que pode garantir todas as outras dimensões propriamente humanas: espiritual, ética, política, econômica, entre outras.

É notável o modo como Henry define o fascismo; notável, porque toca precisamente o que é a mesma essência deste movimento, deste acto concomitantemente político e ético: “o rebaixamento do indivíduo”, o “abaixamento” do indivíduo, a sua degradação e diminuição ontológica, o acto por meio do qual uma pessoa define uma outra pessoa, definição necessariamente ontológica, como não-humana, retirando-lhe o que é verdadeiramente próprio seu, do ponto de vista ontológico, a saber, a sua *diferença* no que diz respeito a tudo o que não é humano, *a sua semelhança, própria e irredutível, com tudo o que é humano*. Este rebaixamento é sempre um acto de morte, de aniquilação, de *anulação da pessoa como pessoa*, é sempre a sua transformação em algo diverso de humano, mas no sentido de uma infra-humanidade. Não se trata de uma humanidade degradada numa outra humanidade inferior, mas ainda propriamente humanidade, antes, da eliminação, pura e simples, do carácter humano do ser humano, assim reclassificado. O



paradigma desta ação é o que se passou a nível da ação política nazi, que teve a sua exemplar consumação nos guetos e nos campos de concentração e de extermínio⁸.

O escravo não é, assim, um *ser humano* submetido à escravatura, mas *um ser diverso de humano*, essencial e substancialmente menos do que humano, não uma entidade humana, mas um literal “menos do que humano”, logo, *não-humano*, um ente posto como não-humano, submetido à vontade e posse de um senhor, não interessa quem, não interessa como, não interessa *porquê*, *por quê* ou *para quê*, e é esta submissão, cuja base ontológica reside na redução da sua ontologia própria, que faz dele um escravo, porque se lhe retira tudo o que lhe confere a sua condição propriamente humana. Deste modo, não se toca na humanidade *do escravo*, não se pode tocar na humanidade do escravo, *porque já não há nele qualquer humanidade*: já lha retirámos anteriormente, tendo operado nele *uma transformação ontológica substancial e essencial*. É esta transformação essencial e substancial que o fascismo opera e que Henry denuncia, demonstrando o seu princípio operativo.

Esta redução fascista, ao nível ontológico, é comum a todas as doutrinas e formas de ação que, de um modo ou de outro, propõem ou realizam restrições à plenitude humana de cada indivíduo humano. Assim o fascismo clássico, o nazismo, mas também o comunismo e o capitalismo, mas também todas as formas historicamente anteriores que procederam desta forma, desde que há seres humanos. Mas também todas as formas hodiernas que proclamam e operam formas quaisquer de redução do próprio humano, quer de cada pessoa individual quer de conjuntos de seres humanos⁹.

Não se trata de alargar a noção (ou o conceito) de fascismo, de forma a torná-la equívoca em sua aplicação ao diverso da experiência histórica humana, mas de redefinir tal noção (ou conceito), de modo a dar notícia do seu real alcance, que é ontológico e que interessa a entidade humana não apenas ao nível ético e político, mas *enquanto entidade, como tal, em si mesma*. Tratando-se de um acto,

⁸ Para que se perceba o que realmente aconteceu a este nível, no terreno da vida comum no seio de um campo de concentração-trabalho-extermínio, leia-se o relato, na primeira pessoa, de Primo Levi, *Se questo è un uomo*, Torino, Einaudi, s. d., bem como o nosso estudo sobre esta obra, publicado *on-line* em http://www.lusosofia.net/textos/20140725-perceira_americo_2014_se_questo_e_un_uomo.pdf.

⁹ De entre outros exemplos, podemos referir a persistência de formas de “intocabilidade” várias, em vários lugares; a reiterada exploração económica da força de trabalho, em várias formas e sob várias capas políticas; a desvalorização da vida de todos os que não fazem parte da “tribo” ou do “partido” ou de uma qualquer outra forma de oligarquia; a desvalorização ontológica de toda a diferença cultural, nas formas da religião, de hábitos sociais, etc. Nunca como neste mundo globalizado foi tão evidente o carácter transcendental da dinâmica fascista no que diz respeito quer à constituição quer à efectividade da vida política universalmente considerada.



logo, de algo ético, com repercussão política objectiva, a redução fascista é algo do âmbito ontológico, dizendo respeito quer à ontologia de quem o pratica quer à ontologia de quem o sofre. O importante, aqui, não é a cronologia, mas a essência e a substância do movimento que retira aos seres humanos o que lhes é ontologicamente próprio, seu, e que os eleva, na comunidade da vida, como diferença verdadeiramente específica, isto é, relativa à espécie, como sua definidora especificante, porque verdadeiramente pessoal, em cada um deles.

O movimento fascista é, então, o resultado ontológico de uma forma perversa de relação política, com fundamento num acto ético, na qual um ser humano, não importa quem, diminui a grandeza ontológica própria de um outro ser humano, não importa quem. Como pode o ser humano, como realidade de sentido que é, pôr em prática uma tal diminuição ontológica? É importante notar que o que é grave neste movimento é precisamente o seu carácter propriamente político, isto é, a sua realidade de acto de relação de alguém – o ajuizador da ontologia, operador do acto de redução ontológica, por via deste mesmo juízo – com um terceiro – o alvo ou objecto desse juízo.

Se este acto fosse algo de puramente ético, ou seja, se não houvesse trânsito desde a pura interioridade do ajuizador para o objecto do juízo, seria apenas algo de confundível com parte da realidade ética que o produziu, nela mesma morrendo, terminando numa muda forma de justiça poética, pois o que seria diminuído seria o mesmo acto do ajuizador redutor. *Mas o trânsito desde a esfera ética para a política tem efeito ontológico objectivo sobre o julgado, e é isso que é ontologicamente grave e ética e politicamente inaceitável.* M. Henry tem toda a razão ao denunciar tal movimento, tal juízo degradante. Por sobre a espuma da accidentalidade histórica, nada, salvo uma perversão do acto de sentir, não como coisa bruta de uma sensibilidade estúpida, porque embotada, por iniciativa própria ou alheia, mas como *o acto mesmo da carne*, que é sentido de inteligência¹⁰ em acto, pode justificar um tal rebaixamento. A comum expressão “não vês tu?...” é, aqui, mais do que pertinente: o que se passa é que, verdadeiramente, *não se vê*, não se entende, não há acto espiritual, o “logos” não tem aurora no acto humano, assim tornado estúpido. *É a mais profunda doença possível do ser humano, porque interessa todo o seu acto como propriamente humano: a carne, que deveria sentir com perfeição lógica, perfeição de “logos”, perfeição de sentido, perfeição do acto outro e do outro em mim, não o faz.*

¹⁰ Esta inteligência não é uma faculdade restrita, mas o mesmo acto de auroral sentido feito espírito, que é carne em acto espiritual.



O corpo, que deveria poder ser um acto de perfeitamente perfeita inteligência, um acto de espírito, não o é. E, através de cada acto não conseguido, o corpo faz-se cadáver, matando, consigo, não apenas a sua possibilidade de vida, mas a possibilidade de vida de todos os outros corpos, terminando numa humanidade que já não é mais do que cadáver abandonado de uma promessa de vida que escolheu matar-se.

Então, à questão “o que pode um corpo?”, é necessário responder: pode criar a possibilidade de outros corpos, pode anular a possibilidade de outros corpos. Este corpo, porque acto de manifestação de uma vida que é espírito, é o acto total de cada ser humano, em cada acto próprio seu.

O corpo, como este acto de inteligência, acto maior ou menor, melhor ou pior, pode ser a marca do absoluto da vida ou a marca do absoluto da morte. Vida e morte que não podem ter sentido, qualquer que seja, senão para um corpo. Pode-se, assim, perceber como é justo dizer, com Henry, que “Assim sendo, todo o fascismo adquire um laço essencial com a morte”¹¹.

O fascismo deixa, assim, de ser uma simples coisa política, para se tornar o vício paradigmático próprio da inteligência humana, que, como diria o Poeta Fernando Pessoa, referindo-se ao sol, “em vez de criar, seca”¹². É o preciso protótipo de todo o movimento contraditório ao movimento do amor, movimento sempre dirigido para a criação¹³. Amor que tem necessidade de uma paixão¹⁴ tão grande quanto o próprio acto do ser humano para poder ele mesmo ser, mas que vai para lá de toda a paixão, como mera paixão, sob a forma de *pura oferta, de puro dom de possibilidade de vida*. Deste modo, *fascismo e vida plena são impossíveis*. A cidade dos homens, de onde o amor se encontra ausente, melhor seria chamada “cidade fascista”, precisamente por antítese com a cidade de Deus, cidade do amor.

E toda a “polis” onde tal se verifica é uma “cidade fascista”, isto é, uma cidade onde reina não o princípio do bem-comum, que só pode existir se a cada indivíduo humano for reconhecida

¹¹ *Ibidem*, p. 87: « Par là tout fascisme contracte un lien essentiel avec la mort » (trad. nossa).

¹² PESSOA, Fernando. *Poesias de Fernando Pessoa*, poema «Liberdade». Lisboa: Ática, 1980, p. 248.

¹³ Como é evidente, não tomamos o amor como algo de comparável a uma secreção ou excreção de um órgão chamado vontade, mas como um acto, unificador do ser humano como entidade de sentido, que é, nesse mesmo acto, vontade, inteligência, mas também sensibilidade, isto é, corpo como acto de vida, de «logos» vivo, vivo como e em carne – única forma de o «logos» estar vivo, de não ser algo de mortalmente abstracto.

¹⁴ Isto é, de uma capacidade de recebimento lógico e de acto lógico, ou seja, de conformação com o «logos» adveniente, em si nascente, de si como fonte própria sua – acto espiritual de paixão.



a sua condição ontológica de plena humanidade, possível e realizável, e em realização e realizada, mas o princípio da sua redução e degradação.

A “polis”, qualquer, tem como esquema ontológico fundamental não qualquer modelo histórico, mas a simples relação inter-pessoal, para a qual basta a existência – necessária – de dois indivíduos humanos inter-agentes. *Todos os conjuntos possíveis das possíveis relações humanas baseiam-se neste modelo-padrão-base dual.* É nele e com ele que se estabelece, relação a relação, aquilo que é uma relação propriamente humana – a do amor e do bem-comum – ou uma relação não-humana – a relação fascista –, que impede o amor e o bem-comum, por imediata e transcendental denegação da realidade ontológica própria de esse com quem é possível haver relação. Assim, este com quem é possível haver relação está posto como não-humano, está morto para a humanidade. Assim, todas as “poleis” históricas, onde tal princípio de denegação da humanidade imperou, mais não foram do que necrópoles, mais ou menos adiadas.

Imediatamente, *o fascismo é a impossibilidade do corpo*: é a tragédia, verdadeiramente necessária, do toque de Midas, que *anula toda a diferença* e precipita, por meio desta mesma anulação, o todo do ser no nada da *indiferença ontológica*. O toque do fascismo é o toque da morte. O destino do corpo fascista é o cadáver, um cadáver universal, contemplado por um Imperador qualquer, para o qual nada mais resta para contemplar do que o jardim dos mortos, plantado pelo seu labor.

Com esta definição de fascismo, M. Henry mostra perceber como o que faz de cada ser humano o que é e é como *este* ser humano, irreduzível, insubstituível, é a sua mesma *diferença ontológica própria*, individualmente, pessoalmente própria. Anular o que é próprio de um determinado ser humano é anular a sua mesma humanidade, pois esta não é um transcendental abstracto, que incarne magicamente, isto é, sem mediações, em cada ente – previamente não-humano –, como se de um adjectivo qualificativo, mas essencial e substancial, paradoxalmente caído de um céu conceptual se tratasse, mas o que, em cada indivíduo, surgido já no ser imediatamente como humano, nascido incarnado, nascido em carne já como humano, faz a sua diferença própria individual. É isso que faz dele humano, a sua diferença própria humana, imediatamente humana, não uma categoria qualquer, não um conceito qualquer, aplicado a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos.

A diferença é a essência substantiva própria da personalidade que faz da possível besta com física figura humana um ser propriamente humano. No ser humano, a diferença não se acrescenta a algo de anterior, ela é o padrão transcendental que permite a mesma humanidade como conjunto



dos seres diferentes que a compõem realmente. Sem esta diferencialidade e diferença transcendental individual, não era simplesmente possível a espécie humana. Aqui, paradoxalmente, a diferença individual precede a específica e também a genérica, se existir. O famoso *homo sapiens sapiens* só é *homo* porque é de forma logicamente anterior, *primeiro sapiens sapiens*. A realidade humana tem de ser vista não como uma diferenciação física a partir de um abstracto qualquer comum, mas como a assunção de um carácter físico comum como tal por uma realidade que necessita de tal para poder ser precisamente um corpo. Mas o corpo não é algo de físico que preceda a diferença propriamente humana, o espírito, antes é este apropriado à manifestação que é, na sua generalidade, o mundo. Este não é anterior ao ser humano, mas surge apenas com cada ser humano, em seu mesmo acto individual. A ideia de um mundo puramente material é simplesmente impensável porque a pura materialidade não pensa.

Mas o corpo, que é cada ser humano e que cada ser humano é, em carne que sente, é capaz de um toque de vida, toque que não retira a possibilidade, que não é um senhor de escravos, mas um libertador, que dá possibilidade de ser, que ama. É este toque, que é um encontro de actos de inteligência, que é verdadeiramente fértil, porque, apenas por ser, cria horizontes de possibilidade: em cada acto de amor, o toque do amante dá a possibilidade de sentido àquele que se ama, permitindo a este, pura e simplesmente, ser. É sempre uma promoção ontológica ou, pelo menos, a abertura de uma promoção ontológica, antítese do acto fascista.

O mundo político, mundo possível das possíveis relações entre os seres humanos, possui, assim, duas e apenas duas possibilidades radicais: ou ser segundo o modo fascista, em que se rouba a possibilidade de ser a outrem, ou ser segundo o modo do amor, em que o dom triunfa. O mundo mais não é do que uma armadilha para capturar e tornar escravas as pessoas ou um tecido que as une como pessoas, assim negando a possibilidade da escravatura.

Este tecido é um entrecruzamento de relações de todos os tipos, em que a possibilidade de ser tocado e a possibilidade de tocar, paixão e ação, constituem um só acto, o acto mesmo da pessoa, enquanto agente apaixonado da promoção de um bem-comum, que é o único horizonte de possibilidade para o possível bem próprio de cada ser humano em sociedade, melhor, em comunidade política, precisamente aquela que resulta da vitória sobre a tendência fascista. Este tecido é, portanto, um entrecruzamento de corpos, corpos que são a manifestação do ser próprio da vida humana, apenas real em cada corpo manifestado.



Nas vidas assim entrecruzadas, não há tecido verdadeiro senão quando os fios são feitos da fina seda da inteligência incarnada, mas incarnada na sua dupla forma de fio particular entrecruzado. Não há inteligência senão quando ela é um acto de corpos que são entrecruzados entre eles, em comunhão de sentido. O acto de inteligência é um acto de comunhão de sentido. O que anula, de direito e de facto, a realidade plena do fascismo – talvez mesmo a sua possibilidade plena – é que ninguém pode ser verdadeiramente inteligente por si mesmo, absolutamente isolado. O acto de inteligência, este sentir integral, que é o corpo enquanto vivente, é um acto que participa de um acto comum, em que todos os corpos contribuem para a construção do edifício sempre móvel do sentido.

Neste entrecruzamento de afectos, que são a inteligência partilhada dos corpos, vê-se como cada corpo, cada ser humano se espiritualiza, quer dizer, constitui uma unidade com o melhor possível de si próprio, corpo espiritual, carne-espírito, através da participação neste tecido. Sem magia, sem pan-psiquismo, pode-se compreender a radical ligação ontológica que cria a humanidade através da participação amorosa no tecido da inteligência, carne comum de um mesmo acto transcendente e transcendental.

O sentido puramente atomizado, sempre fascista, da realidade da inteligência e da carne humanas é ultrapassado por um sentido que é necessariamente individual, mas individual no entrecruzamento do tecido. Na perenidade da luta da humanidade contra o Caos, sem perder o sentido trágico, a metáfora do tecido permite uma leitura não redutora do acto próprio da pessoa quer como irreduzível indivíduo quer como ser que não tem sentido senão em relação. O tecido é concomitantemente o indivíduo e a relação. O tecido unifica sem fundir, sem anular a individualidade de cada fio, sem lhe retirar a sua direcção e o seu sentido próprios, mas dando-lhes uma integração sinfónica, que lhes confere o máximo de vida própria, vida que não é senão em acto de comum possibilidade e realização. Ora, é esta comum possibilidade sinfónica que o amor permite e cria em acto.

Assim, parece-nos manifestar-se em M. Henry o esboço, ou talvez mais do que isso, de uma nova forma de encarar a inteligência humana não apenas como uma simples faculdade, mas como a mesma realidade essencial e substancial do humano, do propriamente humano, reformulada de diferentes modos, mas sempre presente como o estofo próprio da mesma vida, vertida em paixão e amor. A encarnação é, assim, a perfeita antítese do materialismo. É uma abertura infinita de uma possibilidade, que é já o mais profundo acto de uma inteligência matricial da vida como acto



universal total e como acto universal particularizado, mas não atomizado, precisamente porque esta passividade é a marca comum que religa todos os seres e lhes dá sua própria possibilidade de sentir, de serem tocados, de tomarem em si o “logos” que se lhes apresenta na vida e como vida. Cet acte de “logos” começa por uma recepção pura e desenvolve-se como acto de amor, de dom. O sentir inicial transforma-se, deste modo, paixão amante, em acto de criação. Ora, é este acto de criação que é o acto, o único acto contraditório ao acto fascista. É a esta ação segundo a paixão do amor como acto de possibilidade do corpo, da vida plena do outro, que o pensamento de Michel Henry nos convida, num mundo em que o fascismo, disfarçado de mil maneiras, estabelece universalmente o seu império.

Referências

HENRY, Michel. *Du communisme au capitalisme: Théorie d'une catastrophe*. Lausanne: Éditions L'Âge d'Homme, 2008.

PESSOA, Fernando. *Poesias de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1980.

PEREIRA, Américo. *(Se) Questo è un Uomo Leitura ética, política e ontológica da obra de Primo Levi*. Covilhã: LusoSofia:press, 2014.